

# A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA E DA INTERDISCIPLINARIDADE, NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO, NA COMPLEXIDADE DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Sandra Maria Mattar Diaz, PUCPR, [s.mattar@pucpr.br](mailto:s.mattar@pucpr.br)

## RESUMO

Para entender as mudanças e atuar na realidade, o objetivo desta discussão é destacar que a Sociologia é um dos instrumentos que colaboram com a formação crítica dos Pedagogos, e ao lado de outras ciências como a história, a psicologia entre outras, em um trabalho interdisciplinar estará a garantia de uma análise real do sistema educacional e sua inserção na Organização Social. Conforme MORIN (1999, p.26), "qualquer pessoa que tenha estudado um pouco de sociologia ou antropologia sabe que somos obrigados a nos situar, reconhecer-nos a nós mesmos para falar da sociedade da qual nós fazemos parte". Portanto, na sociedade contemporânea, a questão educacional torna-se assunto de suma importância, visto que novos desafios de ordem econômica, política, tecnológica, cultural de uma forma global são colocados, e com o desenvolvimento dos veículos de comunicação estamos recebendo influência dos mais distantes lugares, nos tornando cidadãos do mundo. Este trabalho é parte de pesquisa sobre a contribuição da Sociologia na Formação do pedagogo crítico, desenvolvida para o mestrado em Educação. É uma pesquisa qualitativa descritiva. Na Conclusão constatamos a importância do posicionamento político e reflexivo do pedagogo, para que, mediante sua atitude, influenciem as novas gerações nesta responsabilidade de fazer a sua história.

**Palavras-chave:** Complexidade da Sociedade Contemporânea. Formação do pedagogo crítico. Interdisciplinaridade.

## 1 INTRODUÇÃO

A globalização é um fenômeno sempre apontado ao se falar em mundo contemporâneo. Segundo RIOS (2001), fala-se em globalização para designar o fenômeno da expansão de inter-relações, principalmente de natureza econômica, em escala mundial, entre países e sociedades de todo mundo.

Com a promessa de igualdade de oportunidades, a ideologia da globalização desvia a atenção de realidades que nos incomodam como o imperialismo, o desemprego estrutural e a exclusão social. Torna mais vulnerável o capitalismo, sistema que dá maior valor ao capital que à vida humana. Ao destruir culturas, corrói valores étnicos e éticos, privilegiando a especulação em detrimento da produção.

Apesar de todos os pontos negativos que se percebe, alguns teóricos vêm como positivas a superação do isolamento nacional, a internacionalização de movimentos sociais, a consideração do pluralismo cultural e mesmo a busca de um mundo solidário porque mais interligado. Acena-se aí a perspectiva de uma cidadania planetária, experimentada a partir da afirmação da solidariedade e do respeito (RIOS, 2001).

A história do Brasil tem sido escrita com muitas dependências, seja de ordem econômica e política seja de ordens socioculturais. No documento divulgado pela CNBB, como subsídio à 2.<sup>a</sup> Semana Social Brasileira, a situação brasileira em 1994 já era trágica e continua sendo: o Brasil é a nona economia do mundo, porém, caiu do 50.<sup>o</sup> lugar para 70.<sup>o</sup> lugar nas condições de vida. Apenas os bancos tiveram crescimento de 30% acima da inflação, num país de desempregados. De um lado, estão os privilegiados e, de outro, assalariados sem qualificação nem competência para afrontar a concorrência internacional.

Não se pode deixar de ressaltar a importância da Educação para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, onde as pessoas vivam e melhorem sua qualidade de vida, a fim de poder trabalhar com dignidade, participar do desenvolvimento e colaborar para que as dependências do nosso país sejam transformadas em produções coletivas, deixando as relações de domínio de lado.

Como poderia a Educação atuar frente à elevadíssima concentração de renda e da propriedade da terra, o alto grau de analfabetismo e marginalização, altas taxas de mortalidade infantil, a fome, a favela, a violência, a corrupção, a desintegração do aparelho estatal (privatização generalizada), a crise da representatividade (clientelismo), o baixo grau de cidadania e o aumento da miséria e exclusão, o trabalho precoce, o tráfico de drogas? Estamos nós, professores, preparados para lidar com alunos que lutem por justiça, engajados na defesa dos direitos humanos?

Essas questões remetem à reflexão de que a Sociologia pode dar contribuições: que dimensão deve ter o olhar de um educador frente a todo este mundo que se apresenta? Se a sociedade que emerge é a sociedade do conhecimento, qual a importância e o papel do pedagogo frente às novas exigências?

## **2 A IMPORTÂNCIA E O PAPEL DO PEDAGOGO FRENTE ÀS NOVAS EXIGÊNCIAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Ao lado das demais áreas responsáveis pela formação do pedagogo num trabalho interdisciplinar, a Sociologia tem muito a acrescentar à teoria e ação pedagógicas e aos pedagogos em particular, para a formação de indivíduos reflexivos e conscientes de sua participação social tendo em vista que a “organização pedagógica nos surge como a mais hostil à mudança, mais conservadora e tradicional talvez do que a própria Igreja, porque ela tem por função transmitir às gerações novas uma cultura que mergulha suas raízes num passado afastado” (Halbwachs citado por BOURDIEU e PASSERON, 1975, p.205).

Cada professor tem a responsabilidade em conhecer a sociedade na qual está inserido e, a partir deste conhecimento, prever o futuro e estimular os jovens na criação de uma sociedade mais justa e igualitária. Conforme cita RODRIGUES (2001, p.109)

Essa é a contribuição que a sociologia pode dar ao estudo dos fenômenos educacionais: confrontá-los com os mundos econômico, político e cultural em meio aos quais ocorrem. Os sociólogos ensinam que as idéias não nascem dos cérebros privilegiados, nem têm existência própria, soltas no ar. As concepções de mundo, as idéias e os valores que as pessoas compartilham entre si e que ensinam a seus filhos e alunos não são dádivas do céu; são construídas na teia cotidiana de relações e interações. São invenções do homem, são construções sociais.

Se a sociedade muda, se a vida muda, a escola também deve mudar. Para dominar a inovação e o progresso tecnológico é indispensável à base cultural. Segundo DE MASI (1998, S/P), a inovação vem por 5 caminhos:

1.º O progresso é tão rápido que parece ser indomável; 2.º Os acontecimentos se sucedem com tal velocidade que podem nos deixar desorientados; 3.º Uma pavorosa e crescente probabilidade de ser demitido, primeiro era uma preocupação da classe operária e hoje rouba o sono de administradores e executivos; 4.º O crescente abismo entre as novas e as velhas gerações, nutre um modelo existencial ligado ao mundo industrial e um novo modelo ligado ao mundo digital e virtual; 5.º Uma sensação ameaçadora, para os países desenvolvidos, de crescimento dos países em desenvolvimento, principalmente os orientais com seu eficientismo, a sua especificidade cultural a sua tenaz capacidade de trabalho desligada da exigência daqueles direitos aos quais hoje não renunciamos.

Portanto, a escola não pode perder tempo. Ela deve identificar as mudanças, compreender a natureza e o seu alcance, e orientar os jovens para que tenham capacidade de administrar as novas condições de existência e não sofrer com elas.

As idéias e valores, o mundo da cultura, enfim, o conteúdo que ao fim e ao cabo é ensinado nas relações educacionais, é fruto da luta cotidiana por interesses econômicos e por poder político. (...) As práticas pedagógicas, isto é, os princípios e métodos que informam as técnicas educacionais estão sujeitas ao conflito ideológico vigente numa dada sociedade (RODRIGUES, 2001, p.110).

A Sociologia pode colaborar na compreensão da sociedade, da cultura, da dimensão política e econômica dos fenômenos educacionais, por parte dos professores. Por isso, Woods e Pollard, conforme cita COULON (1995, p.88),

recomendam um modelo alternativo de pesquisa educacional que implique trabalhar com os agentes de mudança, em vez de trabalhar sobre eles. A Sociologia pode contribuir consideravelmente para a compreensão das percepções que os professores têm da escola e da sala de aula. (...) A atividade de ensinar é complexa, as decisões são, muitas vezes, produzidas por uma mistura de raciocínios e intuições.

Dessa forma, a Sociologia tem uma forte aliança com a Pedagogia, e com os pedagogos em particular, pois fornece os elementos para uma análise eficiente da realidade em que irão atuar, assim como suscita neles o papel de agente na transformação social, porque os prepara para a vida, para o futuro.

A Sociologia tem a preocupação em colaborar com o Pedagogo na identificação das interferências do contexto sociopolítico na sua profissão, bem como favorecer a análise das novas exigências colocadas pela realidade social, as finalidades da educação em diferentes momentos históricos, o papel do professor, a primazia da Educação no governo, lutas da categoria, rápidas transformações tecnológicas e científicas.

O importante desta discussão é destacar que o sistema de ensino não é algo isolado, mas sim que se torna possível dentro de um processo dialético e interdependente num conjunto com diferentes dimensões: política, econômica e social. Portanto, para entender as mudanças e atuar na realidade, a Sociologia é um dos instrumentos que colaboram com a formação crítica dos Pedagogos, mas é ao lado de outras ciências como a história, a psicologia a filosofia, etc que estará à garantia de uma análise real do

sistema educacional e sua inserção na Organização Social, é necessário portanto, destacar a importância de um trabalho interdisciplinar.

Segundo JAPIASSU (1992, p.88): "A Interdisciplinaridade é a interação entre duas ou mais disciplinas, podendo ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa".

Analisando as idéias de Morin, PENA-VEGA e ALMEIDA (1999, p.8) questionam:

Como é possível nos dias de hoje, não ver a necessidade de um desenvolvimento do conhecimento científico nas ciências humanas, que as conduza gradativamente a restituir o diálogo direto entre as disciplinas, entre o sujeito e o objeto ou entre o observador e aquele que é observado? O problema do sujeito (seja ele considerado como ator ou agente) é inelutável nas ciências humanas. Em uma época de mudança de paradigma científico, a verdadeira questão não é simplesmente o enriquecimento do espírito, nem simplesmente a consciência do sentido da complexidade, mas uma radical e profunda reforma do pensamento, que supere todas as formas de reducionismo.

Acredita-se que esse diálogo entre as disciplinas, ou melhor a interdisciplinaridade, é tarefa fundamental das instituições de ensino que tenham a preocupação com o processo integral do conhecimento, não de forma mecânica e fragmentada, mas sim contextualizada. A Sociologia como parte integrante das Ciências Sociais, não ficaria de fora deste processo, pelo contrário colabora de maneira direta.

Conforme MORIN (1999, p.26),<sup>1</sup> "qualquer pessoa que tenha estudado um pouco de sociologia ou antropologia sabe que somos obrigados a nos situar, reconhecer-nos a nós mesmos para falar da sociedade da qual nós fazemos parte". O trabalho do educador deve remeter constantemente o educando à análise de sua vida societária relacionando fatos, pois como reflete Edgar Morin: na psicologia cognitiva a atividade normal do nosso cérebro, nossa atividade mental normal é a de integrar informações num conjunto que lhe dá sentido. E exemplifica: "Quando captamos uma informação na

---

<sup>1</sup>MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, E.P. (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

televisão ou nos jornais, para conhecê-la, para compreendê-la, temos que contextualizá-la, globalizá-la” (MORIN,1999, p.25).

MORIN continua: “Contextualizar e globalizar são procedimentos absolutamente normais do espírito e, infelizmente, a partir de um certo nível de especialização, que passa a ser da hiper-especialização, o fechamento e a compartimentização impedem contextualizar e globalizar”.(1999, p.25). As disciplinas quando trabalhadas separadamente, colaboram para a fragmentação do conhecimento e da ciência, a consequência é a falta de visão por parte do aluno, do todo integrado, da relação entre as partes.

Para MORIN (1999, p.28), “o sistema, como foi dito – o todo –, é mais que a soma das partes, isto é, no nível do todo organizado há emergências e qualidades que não existem no nível das partes quando são isoladas”.Portanto, a Educação é sistema que faz parte de um sistema maior (o todo organizado) e como tal deve ser tratado neste contexto, não pode ser analisada isoladamente. Como explicita MORIN (1999, p.30):

Pascal o grande pensador, já dizia: Toda coisa é causada e causante. Já tinha, portanto, o sentido do elo de Winer, toda coisa sendo ajudada e ajudando, e tudo estando em relação com tudo, as coisas mais distantes reunidas umas às outras por um elo, considero impossível conhecer as partes se não considero o todo, como acho impossível conhecer o todo se não conheço as partes.

A Sociologia é parte da Educação, assim como a Educação faz parte da análise sociológica. Como entender a Educação de forma isolada, sem a perspectiva histórica ou psicológica do fenômeno educacional? Sem o contexto econômico? social? cultural? legal? político? didático? tecnológico? etc.

É essa relação, esta interdependência que gera um conhecimento mais próximo da realidade cotidiana, que colabora, portanto, com o posicionamento dos indivíduos e grupos sobre as emergências e qualidades necessárias ao sistema educacional, em particular, mas também tendo condições de análise de outros sistemas que compõem o social, o todo organizacional. Concorda-se com o depoimento de ELIAS

e FELDMANN<sup>2</sup> (2001, p.99) quando atestam: "Nossa experiência tem mostrado que a interdisciplinaridade, quando trabalhada em sala de aula, apresenta-se ao educador como forma de resistência, na luta contínua pela transformação da estrutura escolar e, conseqüentemente das estruturas políticas, econômicas e sociais".

E para que isto ocorra, é preciso defrontar as disciplinas e as pessoas que fazem parte do processo educativo para possibilitar a interação, superar a fragmentação e colaborar na formação reflexiva e crítica do educando.

A reflexão e a crítica emergem da visão da organização da sociedade em termos sociais, econômicos, políticos, etc. Por exemplo: quando em Didática são analisados os paradigmas educacionais, são utilizados os fundamentos da filosofia, da história, da sociologia e da psicologia, para que os educandos possam entender que tipo de homem a sociedade deseja formar, segundo a sua organização social, política, econômica, sua cultura e seus valores significativos. Segundo FERREIRA<sup>3</sup> (2001, p.34),

o que caracteriza uma prática interdisciplinar é o sentimento intencional que ela carrega. Não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por parte daqueles que a praticam. Não havendo intenção de um projeto, podemos dialogar, inter-relacionar e integrar sem no entanto estarmos trabalhando interdisciplinarmente.

### 3 O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Na discussão da organização da sociedade, entre os vários sistemas que colaboram para o seu funcionamento, está a Educação que, como um processo de integração social, muito tem contribuído para que as novas gerações sejam beneficiadas pelo conhecimento de conteúdos referentes à cultura da qual participam. Porém, certas imposições de ordem econômica e política acarretaram algumas conseqüências danosas ao ensino nas universidades, que devem ser superadas, conforme indica Morin.

---

<sup>2</sup>ELIAS, M.D.C.; FELDMANN, M.G. A busca da interdisciplinaridade e competência nas disciplinas dos cursos de Pedagogia. In: FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>3</sup>FERREIRA, s.l. Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

No século XX, segundo MORIN (1999, p.39), a pressão superadaptativa que forçou a conformação do ensino e da pesquisa às demandas econômicas, técnicas, administrativas, aos últimos métodos, às últimas receitas de mercado, reduziu o ensino geral e marginalizou a cultura humanista. Isto significa perda de substância inventiva e criativa. MORIN (1999, p.40) então questiona a compartimentação e a disjunção entre a cultura humanista e cultura científica, acompanhada pela compartimentação entre diferentes ciências e disciplinas, sugerindo que a falta de comunicação entre as duas culturas determina graves conseqüências para ambas:

A cultura humanista é uma cultura geral que, via filosofia, ensaio, romance, expõe os problemas fundamentais e reclama a reflexão. A cultura científica suscita um pensamento fadado à teoria, mas não uma reflexão sobre o destino humano e sobre o futuro da própria ciência. (...)Tudo isto exige uma reforma do pensamento. O saber medieval era demasiado bem organizado e podia tomar a forma de uma ‘suma’ corrente. O saber contemporâneo é disperso, separado, fechado. Já há uma organização do saber em curso. (...)

Essa organização do saber deverá colaborar para um pensamento que visa unir e não separar elementos culturais, tornando o aluno capaz de fazer as relações entre as disciplinas, valorizar todo o conteúdo, por perceber a sua integração, levando-o a um encadeamento das idéias. Esse processo, que se chama interdisciplinaridade, se faz necessário neste contexto de mudanças. É pela interdisciplinaridade que o aluno consegue estabelecer as devidas relações entre a teoria e a prática, entre a parte e o todo, entre o particular e o geral, pela analogia dos problemas educacionais e a organização geral da sociedade.

Para MORIN (2000, p.45), “Essa ligação exige a substituição da causalidade unilinear e unidimensional por uma causalidade em círculo e multirreferencial, assim como a troca da rigidez da lógica clássica por uma dialógica capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagônicas; que o conhecimento da integração das partes num todo seja completada pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes”.<sup>4</sup>

Portanto, na sociedade contemporânea, a questão educacional torna-se assunto de suma importância, visto que novos desafios de ordem econômica, política, tecnológica, cultural de uma forma global são colocados, e com o desenvolvimento dos veículos de comunicação, cada vez mais o mundo torna-se uma “aldeia global”, e a todo

---

<sup>4</sup>MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F.M. (Org.) **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

instante estamos recebendo influência dos mais distantes lugares, nos tornando cidadãos do mundo.

Cabe à Universidade colaborar na formação deste cidadão, pela transformação. Trata-se de uma mudança paradigmática, que diz respeito às nossas atitudes frente à organização do conhecimento. Os professores precisam identificar as necessidades que emergem deste novo século e colocar os alunos a par dos acontecimentos.

A ilustração dos seres humanos precisa ser feita a partir dos problemas do presente. Proporcionar as chaves para a compreensão do presente, do imediato que nos atinge e que mergulha suas raízes no passado mais ou menos próximo (...). Para libertar os indivíduos e fazê-los autônomos, é preciso situá-los como seres conscientes das coordenadas concretas nas quais vivem. Uma compreensão que deve aproximar-se não apenas da realidade natural e social, mas também dos significados que povoam as crenças do presente para depurar os esquemas espontâneos criados, de compreender o mundo e ir obtendo cotas de racionalidade contrastadas com os demais. Não se trata de reviver o que os outros viveram e pensaram, mas de ler com eles o tempo e o mundo atuais (SÁCRISTAN, 2000, p.50).<sup>5</sup>

E é esse contexto, de rápidas mudanças, que impõe uma profunda reflexão a respeito da Educação e, principalmente, que os alunos sejam levados a delinear o futuro que desejam construir. Em função das transformações pelas quais a sociedade está passando, a educação superior é colocada frente a novos desafios, e deve proceder a mudanças e renovações para colaborar como fator fundamental neste milênio.

Segundo documento da UNESCO (1998, p.16), as Missões e Funções da Educação Superior em seu artigo 1.º se fundamentam em particular na finalidade de: “contribuir com o desenvolvimento sustentável e o melhoramento da sociedade como um todo, devem ser preservados, reforçados e expandidos”. Para isso, e

a fim de educar e formar pessoas altamente qualificadas, cidadãs e cidadãos responsáveis (...); prover um espaço aberto de oportunidades para o ensino superior e para a aprendizagem permanente (...); promover, gerar e difundir conhecimentos por meio da pesquisa (...); contribuir para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural ; contribuir na proteção e consolidação de valores da sociedade, formando a juventude de acordo com os valores nos quais se baseia a cidadania democrática (...); contribuir para o desenvolvimento e

---

<sup>5</sup>SACRISTÁN, José G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNON, I. (Org.). **A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

melhoria da educação em todos os níveis, em particular por meio da capacitação de pessoal docente.

No documento da UNESCO, publicado em 1995 pela Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura. “O ensino Superior precisa repensar sua missão e redefinir muitas de suas funções, particularmente em vista da necessidade que a sociedade tem de pessoas com treinamento e conhecimentos em constante atualização” (UNESCO, 1995, p.157). Quanto à questão de política interna, advertem no item VIII:

Um dos pré-requisitos para o bem sucedido e para a administração do ensino superior reside nas boas relações com o Estado e com a sociedade como um todo. Essas relações devem ser baseadas nos princípios de **liberdade acadêmica e autonomia institucional**, que são essenciais para a preservação de qualquer instituição de ensino superior como comunidade de livre pesquisa, podendo realizar suas funções criativas, reflexivas e críticas na sociedade. Enquanto o Estado poderá e deverá assumir papéis catalíticos e reguladores, a auto-gerência institucional no ensino superior deve prevalecer. Ao mesmo tempo, a totalidade do meio ambiente sócio- econômico leva as instituições de ensino superior a unir vínculos com o Estado e outros setores da sociedade, e aceitar que eles prestem serviços à sociedade em geral (UNESCO, 1995).

Cabe aos representantes políticos, mediante sua autoridade, estabelecer metas que viabilizem o processo de informação e atualização aos docentes, por meio de políticas educacionais sérias e competentes, atendendo aos anseios da população.

Quanto aos professores, o momento exige a participação de todos de forma engajada, consciente e criticamente. Para que isto ocorra, é necessário que exista uma mudança de postura desses profissionais, quanto à responsabilidade de educar e formar indivíduos que estejam preparados para viver, sobreviver, criar, participar, construir e transformar a sociedade.

#### **4 CONCLUSÃO**

Numa sociedade democrática, é imprescindível a participação de todas as classes sociais e categorias profissionais, tendo em vista uma organização social mais igualitária e justa. Os educadores, dessa forma, precisam assumir um posicionamento político e reflexivo para que, mediante sua atitude, influenciem as novas gerações nesta responsabilidade de fazer a sua história.

Relembrando, uma lei não expressa uma prática, visto que sua interpretação dependerá do grau de conhecimento e interpretação que se fará dela. Quanto mais os

indivíduos estiverem aptos ao conhecimento e à interpretação das leis, maior será a cobrança em relação às autoridades, e maior será a sua colaboração no sentido da transformação social.

Por isso, vale a pena refletir: um professor que não se sente responsável pela formação integral do educando ainda não apreendeu integralmente o que representa educar e o que é a Educação. Para reafirmar o amplo sentido da Educação, tome-se a definição de VEIGA (1998, p.25)

Educação é um processo que faz parte do conteúdo global da sociedade. É uma prática sócio-político econômico e, somente a partir deste, pode ser compreendida e interpretada, uma vez que é ali que ela obtém seu significado e tornam-se inteligíveis suas finalidades e métodos. Por ser um fenômeno intimamente ligado às situações histórico-culturais, a educação deve ser compreendida como um processo político, exatamente por traduzir objetivos e interesses de grupo social e economicamente diferentes.

E mais, segundo LIBÂNEO (1998, p.130), “a educação é uma ação e um processo de formação pelo qual os indivíduos podem integrar-se criativamente na cultura em que vivem”. E ainda, “ o ato educativo é plural, por isso há várias vias de acesso para analisá-lo e compreendê-lo: o sociológico, o econômico, o psicológico, o biológico etc.”

Então, a educação trata de maneira formal e intencional o desenvolvimento dos indivíduos na cultura da qual participam. E não há como influir no processo de desenvolvimento dos indivíduos e grupos sociais, no sentido acima exposto, sem uma prática dos educadores, isto é, sem o compromisso político por ele assumido quando da opção pelo magistério. Principalmente no que se refere ao ensino universitário, que trata do redimensionamento de uma posição dos indivíduos, que agora terão a oportunidade de participar de uma categoria profissional e, como tal, na participação direta do sistema produtivo e econômico de sua sociedade. Devem agora planejar, projetar e executar situações de melhoria de condições e qualidade de vida para a população, porque a educação teve um papel importante na sua formação. Formação mais humana, a partir de um paradigma holístico e tendo em vista o todo organizacional e não fragmentos de uma sociedade, uma parte de visão de mundo, uma individualização egoísta, que assiste e vê somente o que cabe em sua

## 5 REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de Ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, R.J: Vozes, 1995.
- DE MASI, Domenico. **Se a vida muda à escola também deve mudar**. Telêma, Itália, n.12, 1998.
- ELIAS, M.D.C.; FELDMANN, M.G. A busca da interdisciplinaridade e competência nas disciplinas dos cursos de Pedagogia. In: FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, I. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRA, s.l. Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F.M. (Org.) **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.
- PENA-VEGA, A. ; ALMEIDA, E.P. (Coord.) **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da Modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- RIOS, T.A. **Compreender e ensinar: Por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- RODRIGUES, A.T. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- SACRISTÁN, J.G. A Educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (Org.). **A educação no século XXI**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- UNESCO. **Declaração de Princípios sobre a Tolerância** : 28ª reunião, Paris, 16 de novembro de 1995.
- UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educ. Superior no séc. XXI: Visão e Ação**. Paris, 1998.
- VEIGA, Ilma A.P. (Org.). **Caminhos da profissionalização do magistério**. São Paulo: Papirus, 1998.